

PARA LER O TEATRO ROMÂNTICO BRASILEIRO

João Roberto Faria (DLCV)

1. Dramaturgia

A produção dramática em nosso romantismo foi razoavelmente extensa, mas hoje conhecemos apenas uma parte do repertório encenado, uma vez que muitas peças não foram publicadas. Destas só sabemos do que tratam porque os jornais da época costumavam resumir seus enredos ou porque receberam pareceres do Conservatório Dramático, que estão depositados na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Há também as peças que foram publicadas apenas no século XIX e não são fáceis de se encontrar, precisando para isso que recorramos aos acervos das obras raras das nossas principais bibliotecas. Felizmente, a mais representativa literatura dramática do romantismo está ao nosso alcance, em publicações que podemos consultar nas bibliotecas, adquirir em livrarias ou ler na internet, nos sites que disponibilizam obras em domínio público.

Quatro foram os gêneros de peças cultivados pelos nossos escritores românticos: a tragédia neoclássica, o melodrama, o drama e a comédia de costumes.

A tragédia neoclássica já havia sido abandonada pelos dramaturgos europeus dos anos de 1830, depois de ter sido substituída no gosto popular pelo drama e pelo melodrama. Mas como o debate entre clássicos e românticos chegou tarde ao Brasil, nossos antepassados vivenciaram um fenômeno cultural no mínimo curioso: o romantismo teatral entre nós iniciou-se com uma tragédia, o que é um contrassenso, uma vez que o drama é o gênero de peça que Victor Hugo reivindicara para os novos tempos, em seu conhecido prefácio de *Cromwell*, de 1827. Assim, a primeira peça importante que devemos ler para iniciarmos o estudo do teatro romântico brasileiro é a tragédia **Antônio José ou O poeta e a Inquisição**, de Gonçalves de Magalhães, que o ator João Caetano encenou com enorme sucesso no Rio de Janeiro, em 1838, fazendo nascer o que os seus contemporâneos chamaram de “teatro nacional”. O autor ainda escreveu e fez representar uma segunda tragédia, em 1839, intitulada *Olgiato*. Ambas, quando publicadas, foram precedidas de prefácios importantes para a compreensão das questões estéticas que agitavam aquele

momento histórico. Lembre-se, porém, que o sucesso de **Antonio José** não fez nascer um significativo repertório brasileiro de tragédias. O gênero estava em baixa e só foi cultivado esporadicamente, por um ou outro escritor, como Joaquim Norberto de Sousa Silva (*Clitemnestra, rainha de Micenas*), Antonio Gonçalves Teixeira e Souza (*Cornélia; O cavaleiro teutônico ou a freira de Marienburg*) e Antônio de Castro Lopes (*Abamoacara*).

Maior fortuna teve o melodrama. Gênero popular por excelência, foi abundantemente representado nos teatros brasileiros para uma plateia que se encantava com os seus enredos mirabolantes, cheios de reviravoltas, surpresas e coincidências inverossímeis; que se comovia com os sofrimentos de uma personagem virtuosa, perseguida por um vilão terrível; e que respirava aliviada ao final com a vitória do bem. O repertório francês, de dramaturgos como Victor Ducange e Adolphe Dennery, entre muitos outros, serviu de modelo para Martins Pena e Luís Antônio Burgain, que foram nossos mais importantes autores de melodramas. O segundo teve várias peças representadas, enquanto o primeiro só viu em cena **Vitiza ou o Nero de Espanha**, que não fez sucesso. Vale a pena ler esse melodrama de Martins Pena para se ter uma ideia de como esse tipo de peça era composto e para conhecer seus traços estilísticos, que se encontram em boa parte das peças brasileiras do período romântico.

Em outras palavras, pode-se dizer que o melodrama contaminou o drama, principalmente em autores que não conseguiram perceber as diferenças entre os dois gêneros. Mesmo um escritor mais criterioso como Castro Alves não escapou da sedução do melodrama em seu **Gonzaga ou A revolução de Minas**, drama vibrante que deve ser lido para que se conheça uma faceta pouco comentada do poeta, que concilia em seu texto o ideal da independência e a abolição da escravidão.

Mais prazerosa ainda é a leitura dos dramas de Gonçalves Dias, principalmente de **Leonor de Mendonça**, a peça mais bonita de todo o teatro brasileiro do século XIX. Estamos diante de uma verdadeira obra-prima, que nos toca pela emoção e pela poesia e que prende a nossa atenção pelo enredo bem arquitetado, em torno de uma história de amor com muitas nuances, e pelos personagens de extraordinária densidade psicológica.

Também são de bom nível os dramas escritos por José de Alencar. **Mãe** é um belo protesto contra a escravidão, como diagnosticou Machado de Assis, em 1860. Sua encenação emocionou a plateia com o enredo centrado na história de uma mulata que serve

ao próprio filho como escrava, escondendo dele esse terrível segredo, que levará a um final trágico quando revelado. **O jesuíta** é um drama histórico escrito com muita sobriedade, para louvar a luta pela independência do Brasil. O sentimento nacionalista dos escritores românticos, aliás, fez com que o drama histórico fosse o gênero predileto dos nossos autores. Vale destacar, do conjunto, as peças de Agrário de Menezes (**Calabar**) e Paulo Eiró (**Sangue limpo**) que, antes de Castro Alves, aos argumentos históricos juntaram a nobre aspiração de ver a escravidão extinta. Agrário situou seu drama no tempo das lutas entre Portugal e Holanda, pelo domínio do Nordeste; Paulo Eiró recuou ao tempo das lutas pela independência do país.

Importante escritor do nosso romantismo, também merece menção o escritor Joaquim Manuel de Macedo. Seus dramas **O cego** e **Cobé** foram elogiados por Machado de Assis. E o segundo representa uma tentativa de levar ao teatro uma das vertentes mais fortes do nosso movimento romântico: o indianismo. Por uma série de razões, o que deu certo na poesia e na prosa não funcionou no teatro. Entre os autores que fizeram a mesma tentativa, pode-se lembrar Bernardo Guimarães, com *A voz do pajé*.

Fora de todos os padrões do teatro romântico, o genial Álvares de Azevedo não pode ser esquecido. Sua peça **Macário** é uma realização poética das mais belas, que não segue nenhuma regra e se afirma como um texto que mescla o lirismo ao épico e ao drama, numa atmosfera entre o onírico e o fantástico, numa trama em que um jovem viaja a São Paulo acompanhado por Satã.

O chamado “teatro sério”, das tragédias, dramas e melodramas, era o que dava prestígio ao escritor no romantismo. A comédia era considerada gênero menor, principalmente se construída bom base no elemento burlesco. Foi essa ideia que levou Martins Pena a escrever melodramas, que ele chamou de dramas. Além disso, a comédia curta era encenada como complemento dos espetáculos teatrais, cujo “prato principal” era uma tragédia, um drama ou um melodrama. Quando, em 1838, João Caetano encenou o *Antônio José* de Gonçalves de Magalhães, ninguém deu atenção a outro fato ocorrido no mesmo ano: a representação da comediuzinha em um ato, **O juiz de paz da roça**, de Martins Pena. A posteridade corrigiu a injustiça e consagrou o autor como o criador da comédia brasileira. Sua obra é composta de duas dezenas de comédias que ainda hoje nos divertem, tais como **O Judas em sábado de Aleluia**, **O noviço**, **Os ciúmes de um**

pedestre ou o terrível capitão do mato, O dileitante, entre outras. Vale a pena ler essas comédias, que são bem construídas, engraçadas, com suas descrições dos costumes, com seus recursos farsescos, com seus tipos bem representativos de um Brasil ainda engatinhando em termos de civilização. Além disso, é importante ressaltar que Martins Pena iniciou uma tradição que chegou aos nossos dias – a da comédia de costumes. Ainda no Romantismo sua obra foi modelo para Joaquim Manuel de Macedo e, posteriormente, para França Júnior e Artur Azevedo. A chamada “cor local”, tão desejada pelos escritores românticos, encontra-se plenamente realizada em suas comédias.

2. Histórias da literatura e do teatro brasileiros.

O estudo do teatro romântico brasileiro requer uma compreensão do Romantismo enquanto um movimento literário e artístico que nasceu como resposta a uma série de estímulos, que vão desde o conhecimento da literatura europeia por parte dos escritores ao engajamento pela criação de uma literatura nacional, para quebrarmos definitivamente todos os laços que tínhamos com a antiga metrópole. O índio, a natureza, a história do país, os costumes do campo e da cidade, o uso brasileiro da língua portuguesa, tudo serviu de matéria para o romance, a poesia e o teatro. A compreensão desse fenômeno exige, pois, a leitura de histórias da literatura que apresentem uma visão de conjunto de todo o processo de assimilação e realização da estética romântica pelos escritores brasileiros. É fundamental a leitura de obras como **História concisa da literatura brasileira**, de Alfredo Bosi, **Formação da literatura brasileira**, de Antonio Candido e **A literatura brasileira: origens e unidade**, de José Aderaldo Castello. Em obras como **História da literatura brasileira**, de Sílvio Romero e **História da literatura brasileira**, de José Veríssimo, o leitor poderá ver como dois historiadores do século XIX tratam diferentemente da produção dramática do romantismo. O primeiro, com bastante condescendência, mas com uma compreensão correta da importância de Martins Pena; o segundo, com rigor crítico e uma visão nada positiva acerca das comédias do autor.

Já nas histórias do teatro brasileiro, há boas análises do período romântico feitas por Décio de Almeida Prado. (“**A evolução da literatura dramática**” e **História concisa do**

teatro brasileiro (1570-1908) e Sábato Magaldi (**Panorama do teatro brasileiro**). Vale a pena consultar os dois volumes de Lothar Hessel e Georges Raeders (**O teatro no Brasil sob D. Pedro II. 1ª parte** e **O teatro no Brasil sob D. Pedro II. 2ª parte**), pois ampliam as informações sobre o romantismo teatral, uma vez que detalham as realizações fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. É indispensável também a leitura da obra de J. Galante de Sousa (**O teatro no Brasil**), que organizou no segundo volume uma biobibliografia que é ponto de partida para qualquer estudo que se queira fazer do nosso teatro. Finalmente, uma publicação recente pode ser acrescida a esta lista: a **História do teatro Brasileiro, volume I: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX**, coordenada por João Roberto Faria. Leiam-se os capítulos “O advento do romantismo”, de Décio de Almeida Prado; “A tragédia e o melodrama”, de Ivete Susana Kist; “O drama”, de Elizabeth R. Azevedo; “A comédia de costumes”, de Vilma Arêas; e “A arte do ator e o espetáculo teatral”, de Luiz Fernando Ramos. Esses textos ampliam o conhecimento que se tinha do teatro romântico brasileiro, uma vez que nasceram de novas pesquisas sobre o período.

3. Estudos críticos e biográficos.

Há obras indispensáveis para o estudo do teatro brasileiro romântico. E, para começar, é preciso lembrar os textos de Décio de Almeida Prado, estudioso que se debruçou sobre o período para analisá-lo tanto do ponto de vista dramático quanto cênico. O leitor pode começar por **João Caetano**, de 1972, no qual encontramos um vasto painel da vida teatral, vista a partir do palco, isto é, dos trabalhos do maior ator brasileiro do século XIX. Décio estuda o repertório de tragédias neoclássicas, dramas românticos e melodramas, que consagrou João Caetano e recria o clima da época, trazendo à tona as questões centrais que eram debatidas, como a formação do teatro brasileiro, o nacionalismo, os gêneros teatrais, o papel da imprensa e a atividade empresarial do ator. Em um segundo livro, **João Caetano e a arte do ator**, Décio estuda duas obras deixadas por João Caetano (que também vale a pena consultar): **Reflexões dramáticas** e **Lições dramáticas** (esta, republicada em 1956). Trata-se, pois, de um livro muito específico, em

que se busca analisar o estilo de interpretação de João Caetano e revelar as fontes que ele utilizou para escrever suas reflexões sobre a arte do intérprete. Preocupado em compreender o processo de assimilação da estética romântica pelos nossos escritores e artistas, Décio escreveu um ensaio precioso, intitulado “O advento do romantismo”, incluído em **Teatro de Anchieta a Alencar** (e republicado em **História do teatro Brasileiro, volume I: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX**). Nesse mesmo livro, outros dois ensaios podem ser lidos com proveito: “O teatro romântico: a explosão de 1830” e “*Leonor de Mendonça*: amor e morte em Gonçalves Dias”. Ambos são notáveis, seja pela clareza e profundidade com que se expõe o surgimento e a consolidação do teatro romântico na Europa, seja pela fina análise do mais belo drama do nosso Romantismo. A familiaridade com o assunto, adquirida ao longo de muitos anos de estudos e convivência com textos e dramaturgos, levou Décio a escrever uma obra específica sobre o período: **O drama romântico brasileiro**. Aqui são estudados os principais autores e peças que surgiram entre 1838 e 1868 e que estão mencionadas na primeira parte deste texto: Gonçalves de Magalhães, Martins Pena, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Agrário de Menezes, José de Alencar, Paulo Eiró e Castro Alves.

Se Décio de Almeida Prado se notabilizou como crítico contemporâneo, já no século XIX o nosso maior escritor, quando jovem, dedicou-se à crítica teatral com bastante empenho. Claro que me refiro a Machado de Assis. Os artigos reunidos em **Do teatro: textos críticos e escritos diversos** são uma fonte de informações e reflexões que não podemos dispensar. Vale a pena ler o que ele escreveu sobre Gonçalves de Magalhães, Alencar e Macedo. Ou sobre a situação do teatro brasileiro nos anos de 1850 e 1860. Alguns dos autores menos conhecidos hoje também são analisados em suas crônicas e críticas teatrais.

Várias outras obras merecem destaque. Entre as abordagens mais abrangentes do nosso teatro romântico, podemos lembrar o livro de Elizabeth R. Azevedo, **Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX**, cujo título já explica o seu objeto de estudo. Todos nós sabemos que escritores românticos como Álvares de Azevedo e Castro Alves, entre outros, passaram pela Faculdade de Direito. No terreno das ideias teatrais românticas, o capítulo “O Romantismo”, de **Ideias teatrais: o século XIX no Brasil**, de João Roberto Faria, põe o

leitor diante de prefácios, cartas, ensaios que, lidos em conjunto, desenharam o ideário estético dos escritores e intelectuais do período ligados ao teatro. O papel da censura, feita pelo Conservatório Dramático Brasileiro, pode ser compreendido a partir do livro de Sonia Salomão Khéde, **Censores de pincenê e gravata**. A recepção dos espetáculos e o comportamento do público surgem em descrições pitorescas nos folhetins de Martins Pena, reunidos em **Folhetins: a semana lírica**. A produção de melodramas, suas técnicas, seus temas e seu sucesso são objeto de **Melodrama: o Gênero e sua Permanência**, de Ivete Huppes. Por fim, vale lembrar que o estudo da dramaturgia romântica pode ser feito a partir de vários ensaios e obras monográficas que vou incluir nas referências bibliográficas abaixo. Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Gonçalves Dias e Martins Pena são os autores de maior fortuna crítica, por razões que não são difíceis de compreender. Cada um teve um papel fundamental no processo de formação e consolidação do teatro brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Dramaturgia

AGUIAR, Flávio (org.). *O teatro de inspiração romântica (Antologia do teatro brasileiro)*. São Paulo, Senac, 1998. Contém: *Antônio José ou O poeta e a Inquisição*, de Gonçalves de Magalhães; *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias; e *Gonzaga, ou A revolução de Minas*, de Castro Alves.

ALENCAR, José de. *Dramas*. São Paulo Martins Fontes, 2005. Contém: *Mãe e O jesuíta*.

AZEVEDO, Álvares de. *Teatro de Álvares de Azevedo: Macário/Noite na taverna*. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

AZEVEDO, Elizabeth R. (org.). *Antologia do teatro romântico*. São Paulo, Martins Fontes, 2006. Contém: *Calabar*, de Agrário de Menezes; *A voz do pajé*, de Bernardo Guimarães; e *Sangue limpo*, de Paulo Eiró.

CASTRO ALVES. *Teatro completo*. São Paulo, Martins Fontes, 2004. Contém: *Gonzaga ou A revolução de Minas*, *D. Juan ou A prole dos saturnos* (inacabado) e *Uma página de escola realista*.

GONÇALVES DIAS. *Teatro de Gonçalves Dias*. São Paulo, Martins Fontes, 2004. Contém: *Beatriz Cenci*, *Patkull*, *Leonor de Mendonça* e *Boabdil*.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, D.J. *Tragédias*. São Paulo, Martins Fontes, 2005. Contém: *Antônio José ou O poeta e a Inquisição* e *Olgiato*.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro, MEC/SNT, 1979-1982, 3 vols. Contém 14 peças, entre as quais os dramas *O cego*, *Cobé* e as comédias *O fantasma branco* e *O novo Otelô*.

MARTINS PENA, L.C. *Comédias*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1956. Contém 20 comédias, entre as quais *O juiz de paz da roça* e *O noviço*.

MARTINS PENA, L.C. *Dramas*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1956. Contém: *Fernando ou O cinto acusador*, *D. João de Lira ou O repto*, *D. Leonor Teles*, *Itaminda ou O guerreiro de Tupã* e *Vitiza ou O Nero de Espanha*.

MARTINS PENA, L.C. *Comédias*. Ed. preparada por Vilma Arêas. São Paulo, Martins Fontes, 2007, 3 volumes.

2. Histórias da literatura e do teatro brasileiros.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1970.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 4ª ed. São Paulo, Martins, 1971.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo, Edusp, 1999.

HESSEL, Lothar & RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil sob D. Pedro II. 1ª parte*. Porto Alegre, Ed. da UFRGS/IEL, 1979.

_____. *O teatro no Brasil sob D. Pedro II. 2ª parte*. Porto Alegre, Ed. da UFRGS/IEL, 1986.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. São Paulo, Difel, 1962.

PRADO, Décio de Almeida. “A evolução da literatura dramática”. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1971, vol. 6, pp. 7-37.

_____. *História concisa do teatro brasileiro (1570-1908)*. São Paulo, Edusp, 1999.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 7ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, INL/MEC, 1980.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1960.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 5ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

3. Estudos críticos e biográficos.

AGUIAR, Flávio. *A comédia nacional no teatro de José de Alencar*. São Paulo, Ática, 1984.

ARÊAS, Vilma. *Na tapera de Santa Cruz: uma leitura de Martins Pena*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

ASSIS, Machado de. *Do teatro: textos críticos e escritos diversos* (org. João Roberto Faria). São Paulo, Perspectiva, 2008).

AZEVEDO, Elizabeth R. *Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2000.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. São Paulo, Grijalbo/Edusp, 1973.

BRANDÃO, Tânia. “Martins Pena e a questão do teatro nacional”. In: *Monografias*. 1977. Rio de Janeiro, SNT, 1979 (Coleção Prêmios).

FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1987.

_____. *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo, Perspectiva/Fapesp, 2001.

_____. “A formação do teatro brasileiro”. In: *O teatro na estante*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1998, p.15-32.

_____. (dir.) *História do teatro brasileiro, volume I: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX*. São Paulo, Perspectiva/Sesc, 2012.

HELIODORA, Bárbara. *Martins Pena: uma introdução*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2000.

HUPPES, Ivete. *Gonçalves de Magalhães e o teatro do primeiro romantismo*. Porto Alegre: Movimento; Lajeado: Fates, 1993.

_____. *Melodrama: o Gênero e sua Permanência*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2000.

JACOBBI, Ruggero. *Goethe, Schiller, Gonçalves Dias*. Porto Alegre, Ed. da UFRGE, 1958.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Censores de pincenê e gravata*. Rio de Janeiro, Codecri, 1981.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Martins Pena e sua época*. 2ª ed. São Paulo, Lisa; Rio de Janeiro, INL, 1972.

MARTINS PENA, L.C. *Folhetins: a semana lírica*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1965.

OLIVEIRA, Valdemar de. *Eça, Machado, Castro Alves, Nabuco e o teatro*. Recife, UFP/Imprensa Universitária, 1967.

PRADO, Décio de Almeida. *João Caetano*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

_____. *João Caetano e a arte do ator*. São Paulo, Ática, 1984.

_____. *Teatro de Anchieta a Alencar*. São Paulo, Perspectiva, 1993.

_____. *O drama romântico brasileiro*. São Paulo, Perspectiva, 1996.

SANTOS, João Caetano dos. *Lições dramáticas*. Rio de Janeiro, SNT/MEC, 1962.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1994.

SUSSEKIND, Flora. *O negro como arlequim: teatro e discriminação*. Rio de Janeiro, Achiamé/Socii, 1982.

WINDMÜLLER, Käthe. *“O Judeu” no teatro romântico brasileiro*. São Paulo, Centro de Estudos Judaicos da FFLCH da USP, 1984.